



TCC/Unicamp
T869d
1548 FEF/169

EDUARDO KATSUTOMI TURUTA



O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A
INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA
DOS 5 A 10 ANOS ATRAVÉS DA
GINÁSTICA ARTÍSTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

2002



EDUARDO KATSUTOMI TURUTA

O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A
INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA
DOS 5 A 10 ANOS ATRAVÉS DA
GINÁSTICA ARTÍSTICA

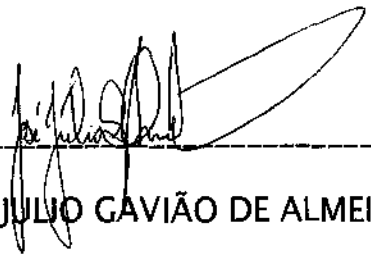
Monografia apresentada à
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial
para a obtenção do título de
professor graduado em Educação
Física, na modalidade de
Licenciatura, sob a orientação do
Prof. Dr. José Júlio Gavião de
Almeida.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

2002

TURUTA, E. K. O Desenvolvimento Motor e a Interação Social da criança dos 5 a 10 anos através da ginástica artística. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de professor graduado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.



PROF. DR. JOSÉ JULIO GAVIÃO DE ALMEIDA

PROF. MS. CIRO WINCKLER DE OLIVEIRA FILHO

Aos meus pais, Ietomi e
Yoshiko e minhas irmãs, Erica
e Eliana pelo amor
incondicional com que sempre
pude contar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por tudo que são e fazem por mim. Que abdicam aos seus desejos em prol de um futuro melhor para seus filhos. Meu muito obrigado pelo amor incondicional. Amo vocês.

Ao Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, meu orientador e sempre amigo, pela força, conselhos e dedicação. Obrigado pelo simples fato de ser uma pessoa íntegra e admirável.

Ao professor Ciro Winckler de Oliveira Filho, membro da banca examinadora, que se prontificou em ajudar nos momentos de “lapidação” da monografia e pelas valiosas dicas deixadas em nossas conversas.

A Mayumi, que durante todos estes anos sempre esteve comigo, ainda que distante, mas sempre presente em meu coração. Obrigado pelo seu amor.

Aos meus tios Jorge e Emi por me acolherem sempre de braços abertos, por serem meus “pais” em Campinas. Obrigado por tudo.

Aos meus amigos e professores, Jorge e Beth. Obrigado pelas oportunidades e pelos ótimos momentos vividos junto ao Grupo Ginástico Unicamp. Este, de grande valia para a minha formação profissional e que abriu inúmeras portas para o universo da educação física e da ginástica geral. Obrigado.

Aos meus queridos e inesquecíveis amigos de turma, em especial Carol, Fernanda, Sandro, Rafael Tampico e Carlos, pelo companheirismo e

inigualáveis valores humanos que possuem. Obrigado pelos momentos felizes que passamos juntos.

E finalmente a Deus, pela grandiosidade com que conduz nossas vidas, por estar onipresente e olhando por cada um de nós com sua incomensurável sabedoria e amor. Muito obrigado.

**“Deus fez nascer as flores nos
ramos das árvores para que os
homens aprendam a olhar
para o alto”.**

A. Santini

RESUMO

Procuramos neste trabalho desvendar e aprofundarmos um pouco mais no universo da criança, sua forma de descoberta do mundo através do movimento e da busca constante da interação como forma de aprendizagem, dentre outras tão igualmente importantes para o desenvolvimento da criança, através da ginástica. Num primeiro momento conceituamos desenvolvimento motor, sob as diferentes abordagens, com visões desenvolvimentistas e construtivistas e concluímos nosso trabalho relacionando o desenvolvimento motor como um dos elos fundamentais da integração da criança no mundo. Não poderíamos deixar de citar a escola como espaço onde todas estas manifestações, de descobertas motoras e sociais, são latentes.

Contato: edu_turuta@yahoo.com.br

SUMÁRIO

<u>1 O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA DOS 5 A 10 ANOS ATRAVÉS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA.....</u>	<u>1</u>
<u>1.1 INTRODUÇÃO.....</u>	<u>1</u>
<u>1.2 O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A CRIANÇA</u>	<u>3</u>
<u>1.3 A TEORIA DESENVOLVIMENTISTA.....</u>	<u>8</u>
<u>1.4 A TEORIA CONSTRUTIVISTA.....</u>	<u>14</u>
<u>2 A INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA.....</u>	<u>17</u>
<u>2.1 A INTERAÇÃO, EDUCAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA</u>	<u>17</u>
<u>2.2 FORMAÇÃO HUMANA, CAPACITAÇÃO E CULTURA MOTORA</u>	<u>21</u>
<u>2.3 A GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO UM DOS AGENTES DE INTEGRAÇÃO SOCIAL.....</u>	<u>28</u>
<u>2.4 PROPOSTA PARA A INICIAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO MOTOR E DE INTERAÇÃO SOCIAL.....</u>	<u>29</u>
<u>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>42</u>
<u>4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>44</u>

1 O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA DOS 5 A 10 ANOS ATRAVÉS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

1.1 INTRODUÇÃO

A vida é um contínuo aprendizado. Sendo assim, aprendemos desde nosso nascimento até nossa senescência. A transmissão de conhecimentos, a descoberta do novo e a redescoberta do velho nos fazem refletir sobre inúmeras questões relacionadas, que vão da pedagogia ao desenvolvimento humano. Cada fase na vida de um indivíduo é um momento mágico, de profunda reflexão e intensa troca de idéias e relacionamentos. Vivemos para aprender e aprendemos para viver. Esse eterno jogo de palavras se concretiza ao longo dos tempos fomentando nossas idéias e gerando dúvidas, que amadurecem e produzem respostas, aprendidas e disseminadas por outros indivíduos. E assim, o ciclo recomeça, porém sempre com novos significados.

Neste trabalho procuramos relacionar desenvolvimento motor e interação social da criança, em especial dos 5 aos 10 anos de idade. Ao longo de nossa vida acadêmica pudemos perceber o quanto o desenvolvimento motor é importante e presente na vida dos alunos. Cada criança tem seu próprio esquema de desenvolvimento, que lhe é único. As características de comportamento estão intimamente relacionadas, podendo ser utilizadas para interpretar a sua individualidade e o nível de

maturidade em que ela está agindo. Entra aqui toda a questão relacionada com a interação social. Proporcioná-la de forma plena e sadia, oportunizando aos indivíduos a condição de conhecer, opinar, reconstruir, criar e avaliar é proporcionar, sobretudo, a formação do indivíduo. E tenho convicção de que é nosso dever educá-los para a vida, transmitindo-lhes conhecimentos e oportunizando a troca de interações com o grupo, dentro de um ambiente propício e gerador de idéias.

Começaremos o trabalho esclarecendo os principais pontos relacionados ao desenvolvimento motor, analisando e estabelecendo paralelos com diversos autores – há numerosos modelos de desenvolvimento humano, cada um refletindo os conhecimentos, interesses e tendências de cada autor – afim de proporcionar ao leitor uma visão ampla, concisa e coerente. Porém, nenhuma teoria está completa ou totalmente precisa ao descrever ou explicar o desenvolvimento humano e, como resultados, não conseguem abordar todas as partes do sistema.

Em seguida, relacionaremos todos estes aspectos à interação da criança como forma de aprendizagem, dentre outras tão igualmente importantes para o desenvolvimento humano e motor. E citaremos também a escola como espaço onde todas estas manifestações, de descobertas motoras e sociais, são latentes.

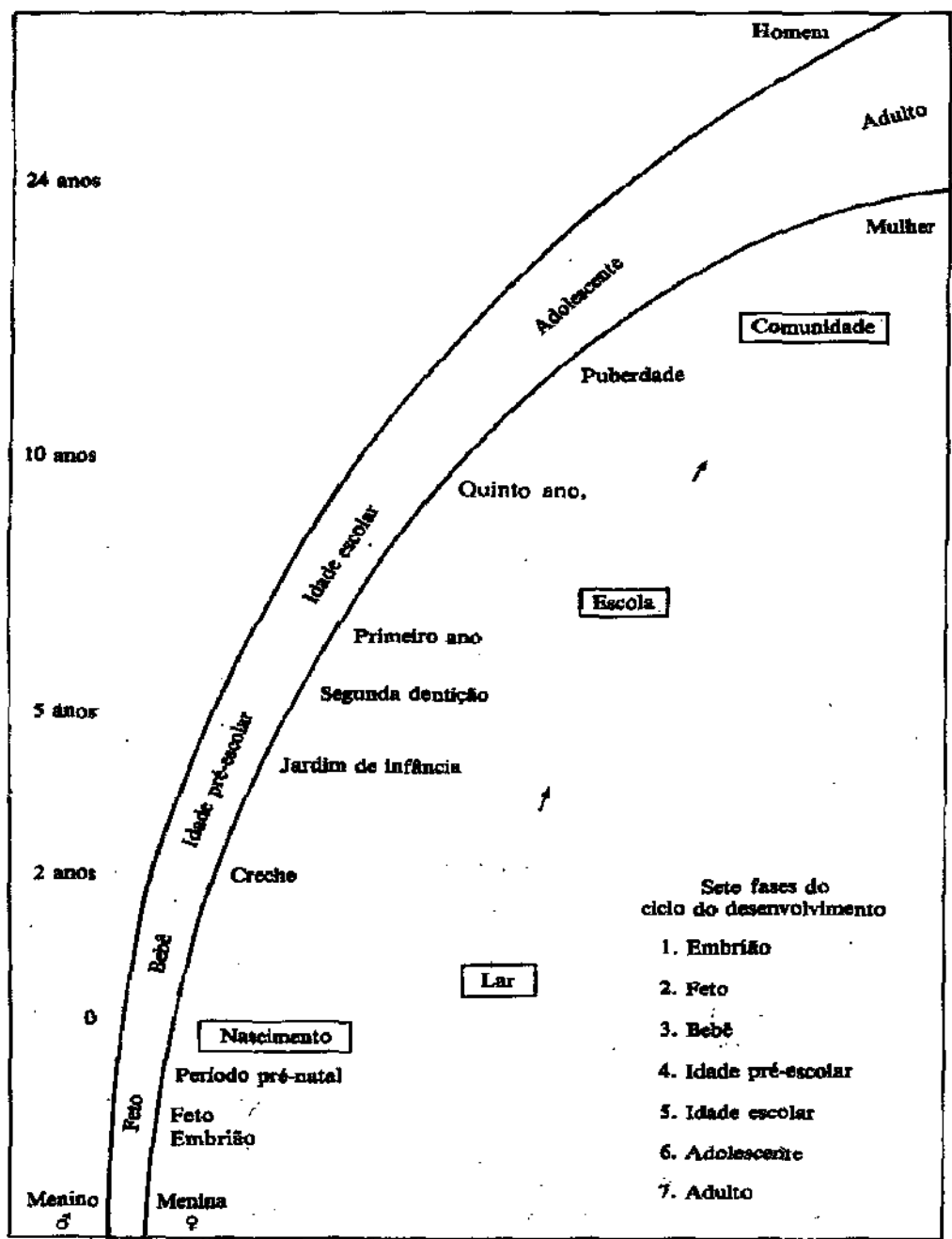
1.2 O DESENVOLVIMENTO MOTOR E A CRIANÇA

Leva, em média, pouco mais que vinte anos para que um recém-nascido se torne um adulto. O próprio nascimento foi precedido de 9 meses de desenvolvimento ultra-interino, tempo dos quais o zigoto se tornou um embrião e este em feto. Oito semanas após a concepção o sistema nervoso e o muscular dão sinais de resposta aos estímulos. O feto executa movimentos de tronco, cabeça, braços e pernas. Olhos e mãos se tornam ativos, com movimentos rápidos, porém padronizados. No período da vigésima semana pré-natal, aproximadamente, o futuro bebê já possui bilhões de células que hão de governar o seu comportamento pelo resto de sua vida.(Gesell, 1993, p.03).

Na oitava semana de vida intra-uterina, as diferenças entre menino e menina se tornam perceptíveis. Porém, muito antes do nascimento, o futuro bebê já está marcado por uma individualidade própria. Todas as crianças nascem com potencialidades peculiares e cada uma tem um esquema de desenvolvimento único determinado por essas potencialidades e pelo seu meio ambiente. Podemos também relacionar estes fatores aos genótipos (individualidades e potencialidades) e fenótipos (influenciados pelo meio) para explicar o desenvolvimento motor quanto a sua especificidade. Existe, contudo, certas características básicas e certas seqüências de crescimento que são típicas da espécie humana numa cultura moderna. Para apreciar o seu significado podemos contemplar dois

panoramas: o que se desenrola em direção ao futuro e o profundo panorama do passado formativo. (Gesell, 1993, p.04)

FIGURA I – Sete fases do ciclo do desenvolvimento, segundo Gesell (1993).

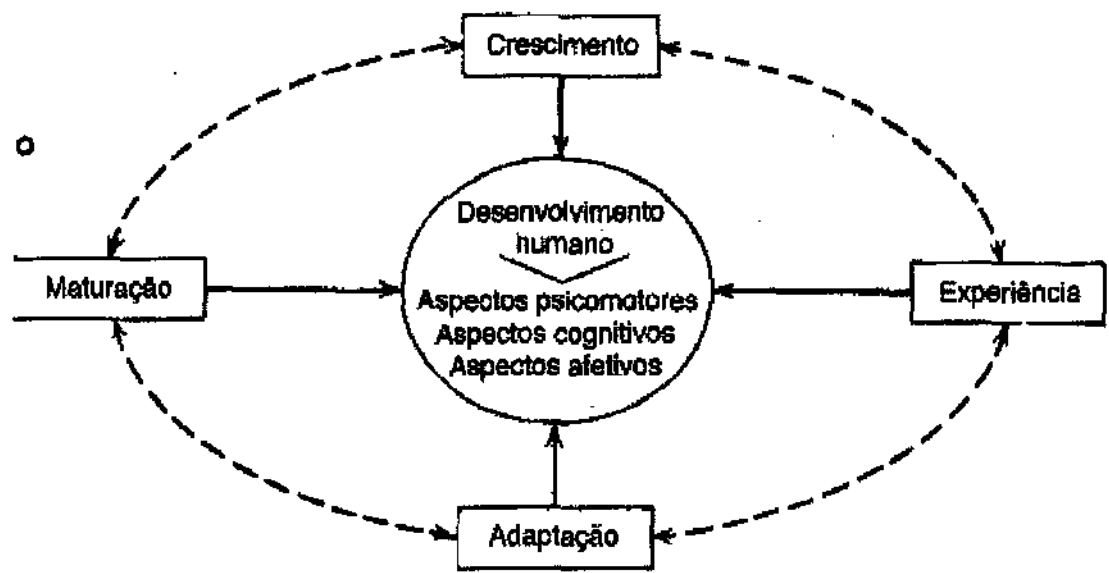


Segundo Gesell (1993), a marcha geral do desenvolvimento é semelhante para meninos e meninas. Mas as meninas amadurecem mais depressa e mais cedo. Por isso a FIGURA I apresenta duas curvas. Não foram incluídas as fases longínquas da senescência e da senectude. Salientou-se especialmente a marcha progressiva de desenvolvimento, ou seja:

1. embrião (0–8 semanas)
2. feto (8–40 semanas)
3. bebê (do nascimento aos dois anos)
4. idade pré-escolar (2–5 anos)
5. idade escolar (5–12 anos)
6. adolescência (12–20/24 anos)
7. maturidade do adulto

Segundo Gallahue (2002), o desenvolvimento é considerado freqüentemente como o aparecimento e a ampliação das habilidades do indivíduo para funcionar em um nível mais elevado, porém, deve-se reconhecer que este conceito é muito amplo e é um processo permanente desde sua concepção até sua morte. Os elementos entrelaçados da maturação e da experiência desempenham também um papel-chave neste processo.

FIGURA II - Os componentes inter-relacionados do desenvolvimento humano. Gallahue (2002)



A maturação refere-se as alterações qualitativas que capacitam o indivíduo a progredir, numa seqüência de ordem fixa, porém, num ritmo que varia. Já a experiência refere-se aos fatores do ambiente, que alteram o aparecimento de várias características desenvolvidas no processo de aprendizado e podem também influenciar no aparecimento de certos padrões de comportamento. Entretanto, tanto um como o outro (maturação e experiência) estão entrelaçados.

Dentre todos os animais o Homem tem um período de maturidade relativo mais longo. São necessários mais de vinte anos para o crescimento físico e mental, tamanho sua complexidade. E nesta extensa busca pelo estágio adulto, isto é, pela maturidade, os anos que vão dos cinco aos dez

anos ocupam uma posição média. É nesse período que a criança perde seus dentes de leite, ao mesmo tempo em que marca seu ingresso escolar no sistema escolar elementar – eventos biológicos e sociológicos.

Segundo Gesell (1993), a puberdade é o grande marco imediato no caminho do desenvolvimento. Marca o início da adolescência, que prossegue por mais dez anos até que o indivíduo atinja a maturidade. Os primeiros cinco anos depois de seu nascimento são de preparação. Os anos intermediários da meninice situam-se aproximadamente entre 6 a 12 anos. Sendo anos intermediários, faltam-lhes por um lado o colorido espetacular da infância e por outro, o da adolescência.

Conseqüentemente, a psicologia do período dos cinco aos dez anos tem sido um tanto obscuro por omissão. As pesquisas e estudos refletem uma tendência para generalizar em relação ao período inteiro, reconhecer as diferenças etárias, mas ignorando o estágio de desenvolvimento existente dentro do período. É certo que a escola elementar classifica, na maioria dos casos, os seus alunos numa base anual. Porém os métodos, muitas vezes, são exageradamente determinados por uma psicologia estreita de aprendizagem, em detrimento a uma psicologia de desenvolvimento e coerente com as faixas etárias, de visão mais ampla. Assim, o sistema tende a homogeneizar tanto as diferenças individuais como as diferentes faixas etárias nos processos de crescimento. Além das crianças progredirem em forças e capacidades, não podemos nos esquecer que os esquemas interiores da psicologia também evoluem.

Porém, não ficaremos limitados somente a uma linha de pensamento desenvolvimentista. Seria unilateralidade em demasia. Ao dissertarmos sobre o desenvolvimento motor da criança é preciso definir o critério a ser adotado, pois há uma discordância entre vários autores no que se refere aos diferentes períodos do desenvolvimento psicomotor desde o nascimento até a adolescência. Existem duas diferentes concepções sobre o assunto:

1.3 A TEORIA DESENVOLVIMENTISTA

Segundo esta teoria, em se tratando de desenvolvimento motor, deve ficar claro, que todo comportamento humano pode ser convenientemente classificado como sendo pertencente a um dos três domínios: o *cognitivo* ou *mental*, *afetivo-social* (referindo-se aos sentimentos e emoções) e o *motor*, onde há uma relação entre domínio motor e cognitivo. Todos ligados intrinsecamente. Embora um determinado comportamento possa ser classificado num desses domínios, tendo o predomínio de um sobre o outro, convém esclarecer que em todos os comportamentos existe a participação destes três.

Segundo Tani (1998) o trabalho na educação física com as habilidades motoras devem estar relacionadas com estes domínios, pois é objetivo desta disciplina o desenvolvimento da afetividade, socialização, cognição e das qualidades físicas.

O movimento está, portanto, relacionado com o desenvolvimento global da criança, uma vez que consegue liga-se ao desenvolvimento das habilidades motoras, que devem ser oferecidas durante os primeiros anos de vida. Associado a este desenvolvimento físico deve-se criar condições para o desenvolvimento da coordenação motora geral e visomotoras, simultaneamente ao equilíbrio e a agilidade. Sendo assim, o domínio motor envolve um processo de mudança e estabilização na estrutura física e funções neuromusculares. Segundo Gallahue (1982), citado por Guiselini (1985, p.46), o desenvolvimento psicomotor é “um longo processo que dura toda a vida, e envolve todas as mudanças físicas, estabilizações, aquisições ou diminuição das habilidades motoras”.

Observamos então uma seqüência de movimentos, isto é, um desenvolvimento hierárquico das habilidades motoras, aceita pelos autores desenvolvimentistas. Consideram que as habilidades adquiridas durante os primeiros anos de vida formam a base para a aprendizagem posterior das tarefas mais complexas. A partir disto, Tani (1988) coloca que as habilidades básicas são adquiridas até 6 a 7 anos de idade, após este período provavelmente nada que aprendemos é totalmente novo.

Gallahue (1982) citado por Tani (1988), ao se referir a uma seqüência de desenvolvimento, parte do ponto de vista de que as mudanças, observáveis nas características do movimento, refletem o processo de desenvolvimento, podendo-se orientar o indivíduo a um nível superior da seqüência de aquisição de habilidades. Propõe, de um modo geral, um

modelo para se chegar ao domínio de habilidades desportivas, salientando o longo processo de experiências com habilidades básicas (movimentos fundamentais) como conhecimentos de suma importância.

TABELA I – As fases do desenvolvimento motor segundo Gallahue (2002)

14 anos em diante	Fase do movimento relacionado ao esporte	Estágio especializado
11 a 13 anos	Fase do movimento relacionado ao esporte	Estágio específico
7 a 10 anos	Fase do movimento relacionado ao esporte	Estágio geral (transição)
6 a 7 anos	Fase do movimento fundamental	Estágio maduro
4 a 5 anos	Fase do movimento fundamental	Estágio elementar
2 a 3 anos	Fase do movimento fundamental	Estágio inicial
1 a 2 anos	Fase do movimento rudimentar	Estágio pré-controle
Do nascimento aos 6 anos	Fase do movimento rudimentar	Estágio de inibição dos reflexos
4 meses a 1 ano	Fase do movimento reflexo	Estágio de decodificação de informações (processamento)
Útero aos 4 anos		Codificação de informações (recebimento)

A criança dos 2 aos 6 anos, aproximadamente, segundo Gallahue (2002), encontra-se na fase dos movimentos fundamentais, período em que o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais dependem não somente da maturação, mas principalmente de fatores como oportunidades, instrução e movimentação. Gallahue ainda divide esta fase em três: estágio inicial, elementar e maduro.

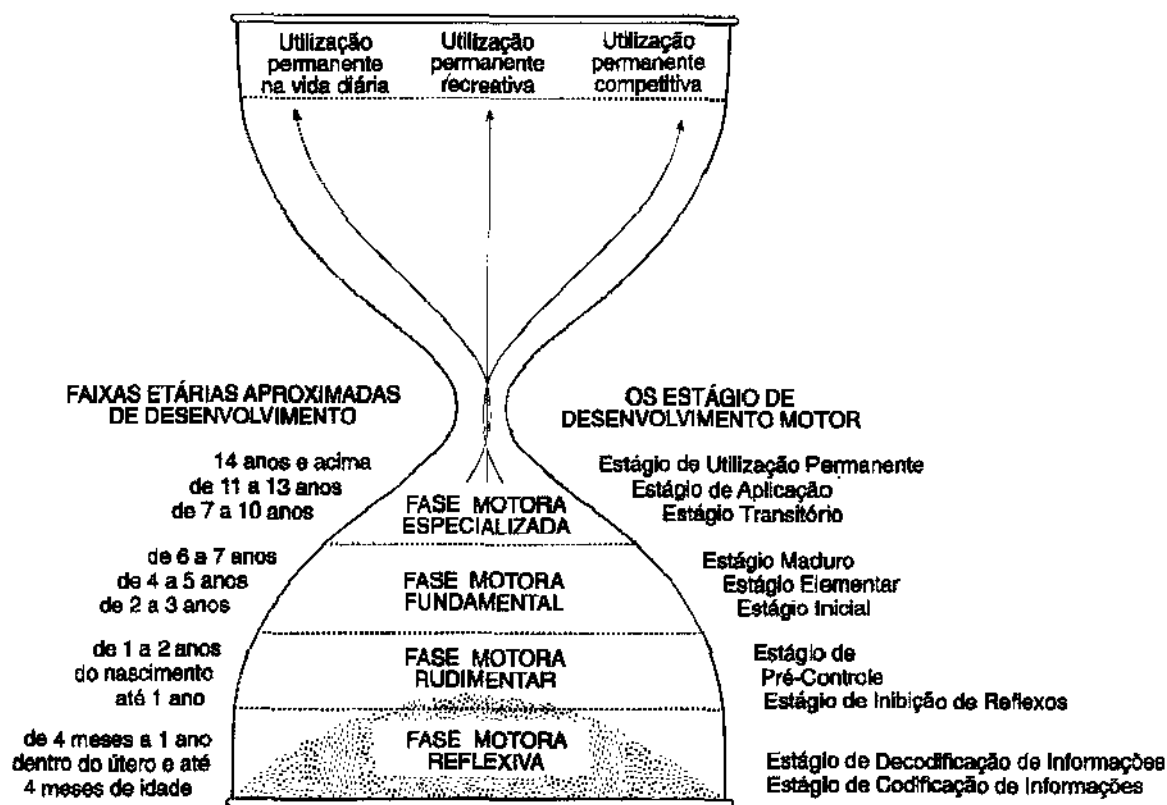
No estágio inicial “o movimento é caracterizado por ausência de partes ou pela seqüência imprópria, uso marcado ou restrito do corpo, uma coordenação e fluidez rítmica pobres. A integração espacial e temporal do movimento é pobre durante este estágio. Tipicamente, os movimentos de locomoção, manipulação e estabilização dos 2 anos de idade pertencem a este estágio” (Guiselini, 1985, p.46).

No estágio elementar há “um maior controle, maior coordenação e ritmo dos movimentos fundamentais. Os elementos temporal e espacial do movimento são mais coordenados, mas o padrão de movimento deste estágio é geralmente restrito ou exagerado, ainda que melhor coordenado. As crianças de 3 a 4 anos de idade revelam uma grande variedade de habilidades no estágio elementar” (Guiselini, 1985, p.46).

O estágio maduro é caracterizado pela eficiência mecânica, coordenação e “performances” controladas. Entre 5 e 6 anos a criança deve estar madura nestes aspectos, lembrando que nem todas as crianças conseguem alcançar este estágio de maturação nesta faixa etária.

Gallahue (2002) evoluiu seu modelo das fases de desenvolvimento motor, apresentando-se da seguinte forma:

FIGURA III – As fases do desenvolvimento motor



Segundo Magill (1984) a aprendizagem envolve uma modificação no estado interno de uma pessoa, e só é observada através de seu comportamento. Apresenta 3 estágios de aprendizagem nas habilidades motoras. O primeiro é o cognitivo, caracterizado por uma quantidade elevada de erros no desempenho e a natureza dos mesmos tende a ser grosseira. O segundo é o chamado estágio associativo, cujos elementos ou mecanismos básicos da habilidade foram aprendidos até certo ponto e os erros são menos freqüentes e grosseiros em sua natureza. Nesta fase o indivíduo já desenvolveu a capacidade de detectar alguns de seus erros e

está mais concentrado e em contínuo refinamento de suas habilidades. O último estágio é o autônomo, quando se torna habitual a sua habilidade de desempenhar atividades motoras. O indivíduo não tem que dar atenção à produção completa de habilidade, pois já a aprendeu. Ele desenvolve capacidades não só para detectar seus próprios erros, mas também para corrigi-los.

Em suma, os autores desenvolvimentistas propõem uma classificação para o comportamento humano relacionado ao movimento. É dada por três domínios: o *cognitivo* ou *mental*, o *afetivo social* e o *motor* estando todos eles ligados intrinsecamente e com relações distintas nas diferentes faixas etárias.

A abordagem desenvolvimentista observa a forte necessidade de se adequar o trabalho motor da criança com as suas respectivas faixas etárias, com fases a serem “cumpridas” para que o desenvolvimento da criança seja pleno. Tani (1988, p.44) quando cita Gallahue (1982) afirma a existência da necessidade da abundância de oportunidades, movimentação e introdução numa variedade de atividades físicas, vigorosas e diárias, com o objetivo de “desenvolver as capacidades singulares de movimento a um nível ótimo” nos 6 primeiros anos de vida. É nesse período que ocorre o aprimoramento das capacidades motoras da criança, havendo um melhor controle das habilidades globais e finas.

Em linhas gerais podemos observar a importância das atividades físicas direcionadas, cujo objetivo é a procura de satisfazer as expectativas

das crianças, trabalhando suas necessidades, anseios e potencialidades, sempre respeitando as características específicas de cada idade. Veremos agora uma outra concepção de desenvolvimento motor.

1.4 A TEORIA CONSTRUTIVISTA

A concepção construtivista é recente, surgida no século XX e causou, segundo Deheinzelin (1993) “uma grande evolução nas artes e na ciência”. Até o final do século XIX o Homem possuía uma visão positivista, aceitando a idéia do real, absoluto e verdadeiro ordenados através de uma lógica. A visão construtivista baseou-se nos estudos de Piaget, que diz que o homem sofre um processo de “construção” desde o seu nascimento até a idade adulta. Nesta abordagem, a preocupação não é se a criança aprende uma ou outra habilidade e sim como se dá o desenvolvimento pleno do indivíduo. “O sujeito deve construir-se por inteiro, integrando todas as partes, o cognitivo, o afetivo, e o social sendo que, através do desenvolvimento motor e da interação com o mundo é que irá desenvolver a sua inteligência” (Freire, 1989, p.46).

Segundo Piaget, o ser humano não nasce com a característica de raciocinar, para ele, o raciocínio, assim como qualquer outro conhecimento se aprende nas interações do homem com os objetos e, por consequência, das observações de suas experiências. É um processo contínuo, de construção e de adaptação. Num primeiro momento estas adaptações

ocorrem motoramente e, mais tarde, passam a ser simbólicas com a aprendizagem da fala, da leitura e escrita. As ações motoras são as primeiras respostas aos problemas encontrados pelas crianças. Piaget atribui às “organizações motoras” o papel inicial da formação da inteligência. De um modo geral, a primeira infância irá se caracterizar por jogos educativos e brinquedos: as ações corporais nesta fase predominam sobre as ações mentais.

A criança na pré-escola deve cercar-se de situações próximas ao seu comportamento, pois a partir de coisas de seu interesse que ela irá adquirir um maior conhecimento. Esses interesses, no universo das crianças, são as próprias brincadeiras e mais tarde os jogos.

O jogo evolui, segundo Freire (1998), de um jogo de exercício a um jogo simbólico. O primeiro caracterizado a princípio por uma atividade lúdica, sem verbalização passando pelo segundo, o universo simbólico do faz-de-conta. O jogo de construção é uma espécie de transição seguida do jogo social, marcado pela atividade coletiva e consideração por regras.

Numa abordagem construtivista a preocupação não é se a criança aprende determinada habilidade motora para saltar ou escrever, e sim, se ocorre um desenvolvimento pleno do indivíduo. O sujeito é visto como um ser uno, holístico, que deve se construir por inteiro, integrando o cognitivo, afetivo e social. Mas é através do desenvolvimento da motricidade e da interação com o mundo que o indivíduo irá desenvolver a sua plena inteligência. Lembremos, entretanto, que a nossa visão de

treinamento não é de forma alguma questionável ou ainda prejudicial às questões relacionadas a aprendizagem. A visão do treinamento, a performance, pode também ser um importante meio no processo de aprendizagem da criança.

Assim, pudemos observar que o desenvolvimento motor compreende diversas áreas do comportamento, separadas em áreas cognitivas (comportamento intelectual), afetivas (comportamento social-emocional) e psicomotoras (comportamento motor). No estudo do desenvolvimento humano, temos a tendência de separarmos, por conveniência, em áreas. Porém, não devemos perder de vista a natureza da inter-relação do desenvolvimento e as três áreas do comportamento humano. Estudaremos em especial a área afetiva, que em relação ao estudo do movimento humano envolve sentimentos e emoções quando aplicado ao próprio indivíduo e a outros por meio do movimento. A “socialização cultural” é um nível de interação social evidenciado por um indivíduo e um dos temas da área afetiva, na qual iremos nos aprofundar.

2 A INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA

2.1 A INTERAÇÃO, EDUCAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA

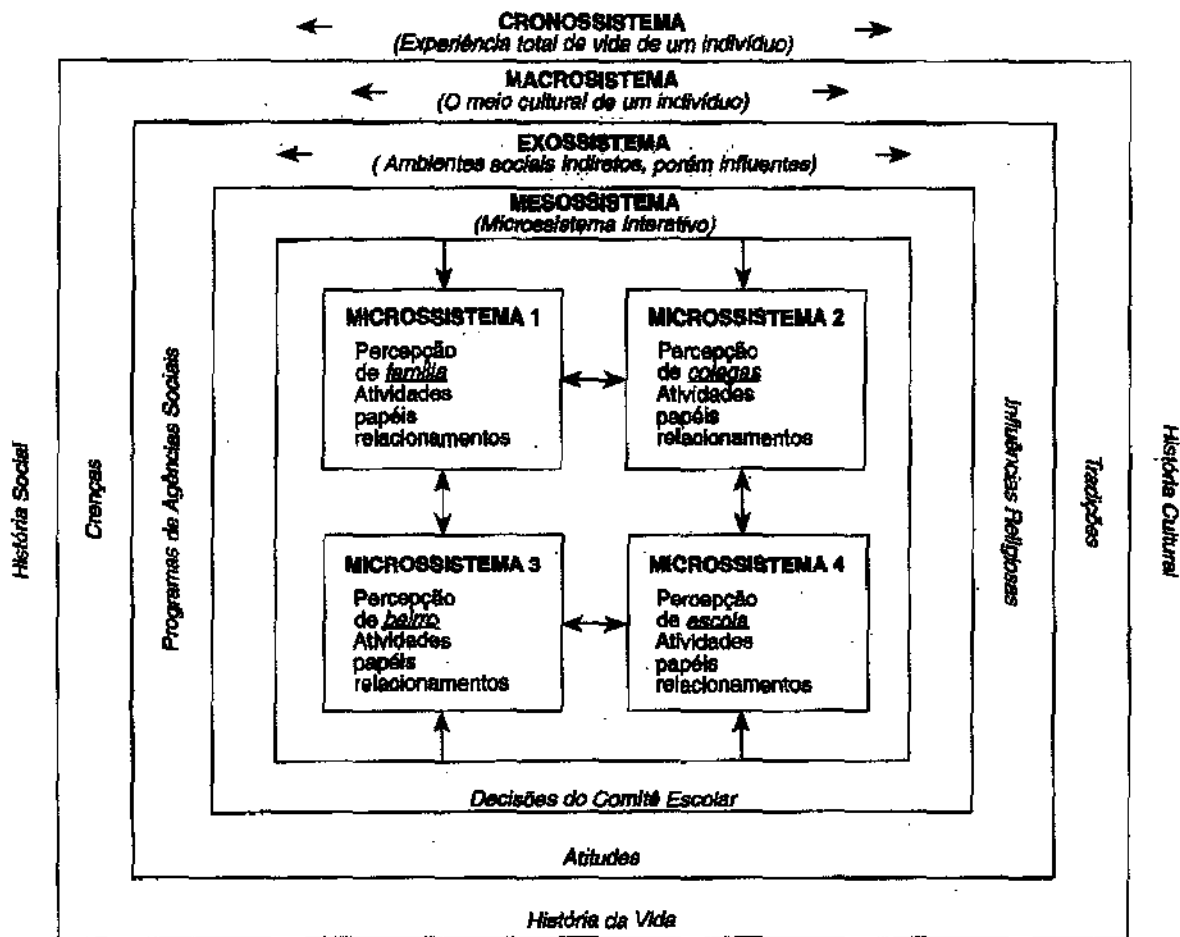
O Homem é um ser social por natureza. Sendo assim, todos os avanços tecnológicos e sua própria existência são frutos das relações sociais oriundas da aprendizagem e da educação. Educar pode ser definido como forma ou procedimento de ensinar, desenvolvendo as capacidades, as atitudes e as formas de conduta de um indivíduo, bem como a aquisição de conhecimentos (Gesell, 1993).

Como estratégia utilizada para facilitar o acesso de jovens ao conhecimento e as regras sociais, a sociedade contemporânea criou a instituição escola, onde se realiza a interação social pedagógica. A aula pode ser considerada como um dos pontos centrais da relação social entre professores e alunos e lá, de acordo com os interesses, as necessidades e os avanços do grupo, da escola e da sociedade vemos a possibilidade de aquisição de conhecimentos a ser desenvolvida de forma continuada. É dentro dessa estrutura criada que acontece um dos pontos culminantes da interação social de jovens e crianças. As atividades de educação física nas quais este grupo participa são de extrema importância na socialização cultural: as brincadeiras, jogos desportivos das crianças, entre outros, são elementos-chave no processo de socialização. Apesar dos vários instrumentos de dominação e manipulação que essas instituições

possuem, esse também é um sistema social que tem chances de criar sujeitos críticos, cognoscitivos e capazes de provocar transformações sociais com o propósito de contribuir à organização de suas sociedades (Perez Gallardo, 2000).

Para isso, devemos proporcionar a interação social em sua plenitude, oportunizando aos participantes a condição de conhecer, opinar, reconstruir, criar e avaliar. É dentro do processo de formação dos jovens, desde a mais tenra idade, que esses valores sociais devem ser estimulados. Exercícios de participação e reflexão, críticos e avaliativos devem ser estimulados desde muito cedo, começando nos lares e estendendo-se, mais tarde, nas escolas. Revela-se aqui a parcialidade destinada as instituições escolares no que diz respeito à formação de seus integrantes. Cabe não somente à escola, mas principalmente à família (Maturana, 1995).

FIGURA IV – A larga escala de contextos ambientais. Gallahue (2002)



O desenvolvimento psicossocial do indivíduo é influenciado pelo seu desenvolvimento motor e pela sua educação motora ao longo de sua vida. Na figura acima observamos uma conceitualização da teoria de Bronfenbrenner (teoria ecológica de desenvolvimento), como influenciada pelas percepções do indivíduo e de seus ambientes de comportamento (Bronfenbrenner, 1979).

Sabemos que o ritmo de vida que a sociedade contemporânea vem assumindo pode ser uma das causas dos graves danos ao processo de formação de nossos jovens. Os pais estão cada vez mais se ausentando de suas funções educacionais e delegando à escola esse papel, porém, não é possível que a escola assuma função de família, mesmo ela se preocupando e tendo a obrigação de uma educação formativa e integral. O papel da família é insubstituível. Por isso dizemos que esse trabalho não é exclusivamente da escola. Queremos salientar ainda a necessidade da escola de não se retirar do processo de formação, ficando apenas como refletora dos conhecimentos produzidos e esquecendo-se da formação integral que deve proporcionar aos seus freqüentadores. A atenção aos aspectos da formação social de nossos jovens é de fundamental importância, tanto quanto a aquisição dos conhecimentos produzidos historicamente.

Para que a interação social possa ser efetivada dentro das aulas é imprescindível que os professores entendam que uma simples participação do aluno já é ponto significativo rumo à formação de um adulto mais participativo. Para que isto ocorra devemos abrir espaços também para as atividades como forma de agente socializador nas aulas de educação física. Porém, o papel das atividades físicas nas formas de brincadeiras, jogos e esportes não podem ser exageradamente especificados. O crescimento e o desenvolvimento motor ocorrem num ambiente social que inclui a atividade física, sendo assim, a necessidade de filiação a um grupo é uma

razão freqüentemente citada para a participação em brincadeiras e esportes. A atividade física, como agente socializador é poderosa influência na formação das atitudes dos indivíduos, bem como seu desenvolvimento moral.

Enfim, devemos ensinar o quanto antes às crianças as normas, regras e regulamentos que servirão de base para a organização de um grupo social, ou seja, devemos estabelecer no indivíduo uma formação humana e posteriormente, mas não menos importante, devemos fornecer os conhecimentos que se acredita serem úteis para viver dentro dessa organização social, capacitando-o.

2.2 FORMAÇÃO HUMANA, CAPACITAÇÃO E CULTURA MOTORA

A maior dificuldade na tarefa educacional está na confusão dessas duas classes distintas de fenômenos: a formação humana e a capacitação (Maturana, 1995).

TABELA II – Formação humana e capacitação. Perez Gallardo, 2000.

Formação Humana	Capacitação
Responsabilidade	Desenvolver as capacidades biológicas
Cooperação	Desenvolver as capacidades específicas do ser humano
Auto-respeito	Facilitar a apropriação de todas as manifestações da cultura corporal ou motora que sejam relevantes para a convivência em seu meio físico e social.
Respeito pelos outros	Cultura corporal ou motora (jogos, brincadeiras, danças populares e folclóricas) do meio local, regional, nacional e internacional.
Honradez	Atividades gímnicas, esportes, artes cênicas, artes plásticas, artes musicais etc. que tenham relação com o movimento humano
Solidariedade	
Organização	
Criatividade	
Individualidade	
Identidade	

A função do professor quanto à formação humana do aluno é estabelecer condições que a orientem e apóiem em seu crescimento, como ser capaz de vivenciar o auto-respeito e o respeito pelos outros. A formação humana tem relação com o “desenvolvimento da criança com pessoa, capaz de ser procriadora, junto com as outras, de um espaço humano de convivência social e desejável” (Perez Gallardo, 1998, p.20).

O professor deve ter em mente que estes valores não existem para serem exercidos no futuro ou na vida adulta, mas para serem vivenciados no presente, já que o futuro é uma incógnita, uma vez que crianças da pré-escola muitas vezes não continuarão seus estudos e os valores vivenciados naquele momento acompanharão essas crianças para o resto de suas vidas. Assim o professor de educação física deve ter em mente não somente do ensinamento no aspecto biológico, e sim do ser holístico.

A capacitação tem haver com a aquisição e capacitação de ação no mundo em que vive; por isso como tarefa educacional consiste na criação de espaços de ações onde se “exercitem as habilidades que se deseja desenvolver, ampliando-se as capacidades de fazer com reflexão sobre fazer, como parte da experiência que se vive e se deseja viver” (Perez Gallardo, 1997, p.26).

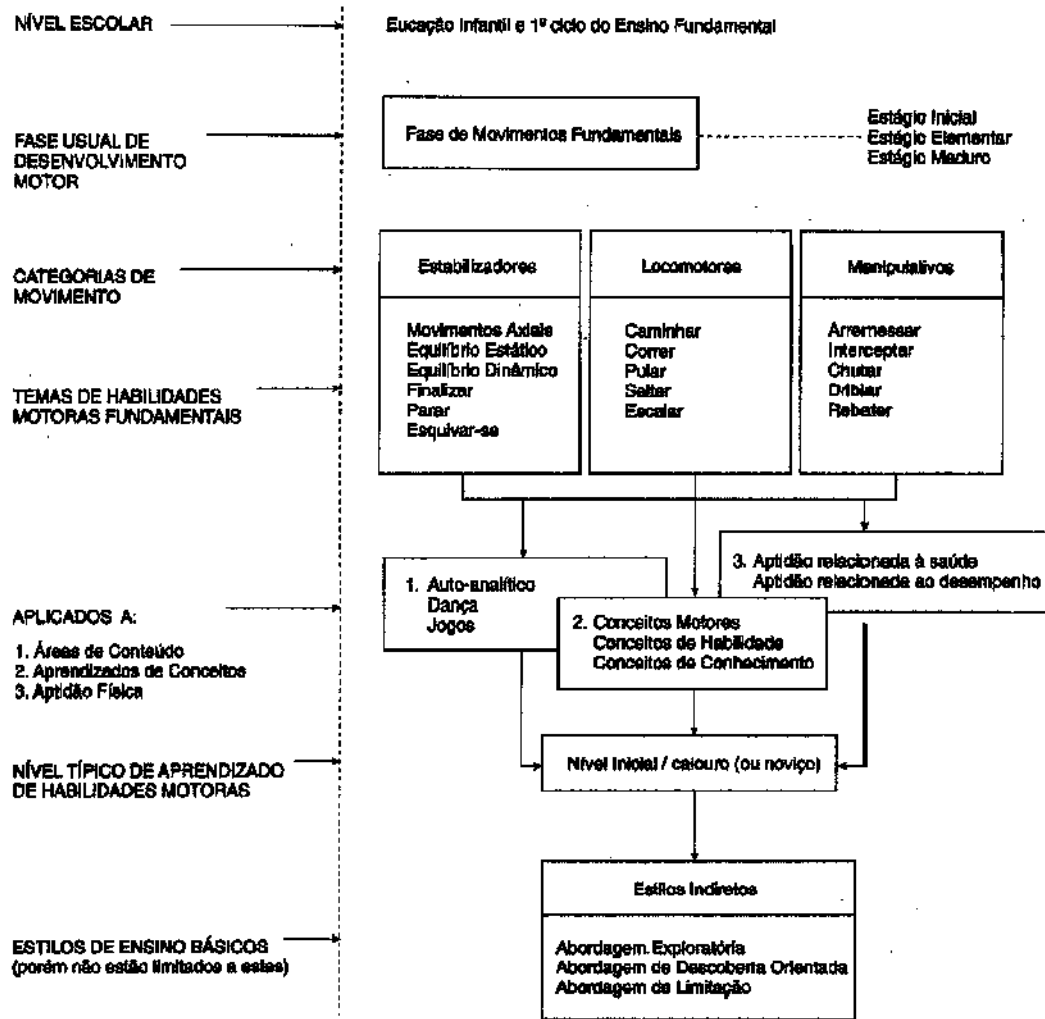
Um espaço importante para o exercício da capacitação e de transmissão da memória cultural é, novamente, a escola. Porém, devemos nos lembrar que a produção e transmissão de conhecimentos não se dá exclusivamente na escola. Igualmente importante são os espaços onde o

indivíduo poderá interagir com os conhecimentos adquiridos, seja através de uma visita a um museu aprendendo história ou numa reserva ecológica aprendendo sobre a fauna e a flora. Mas, geralmente, é nesse espaço – a escola – como instituição social, que os saberes produzidos historicamente pelos seres humanos nas relações sociais e com a natureza são transmitidos. Ao se considerar educação física como disciplina do currículo escolar entendemos que ela não pode ter tarefas de menor valor dos demais componentes daquele contexto, muito embora apresente particularidades que são próprios da área. Nesse entendimento de disciplina curricular, a educação física passa a tratar de conhecimentos/saberes os quais devem pertencer à cultura motora e que consideramos clássicos: os jogos populares e esportivos, a ginástica, as danças clássicas, folclóricas e populares e lutas. Estamos considerando por clássico “aquilo que resistiu ao tempo, logo sua validade extrapola o momento em que foi proposto” (Saviani, 1992, p.44).

Podemos entender como cultura motora em uma sociedade o “nível de humanização alcançado pela assimilação das condutas motoras, sistemática e livremente adquiridas, através da instrução e da educação (nomeada de educação continuada). Também pode entender-se a cultura motora, qualquer que seja a forma, como o conjunto de comportamentos representativos de uma determinada sociedade ou grupo natural. A cultura motora, qualquer que seja a forma que a percebemos, é um elemento da dignidade da pessoa” (Sérgio, 1998, p.86).

Assim sendo, o movimento humano é caracterizado como meio de adaptação, transformação e inter-relação, cujas formas de manifestação pertencem à cultura motora, podendo ser sistematizada no contexto escolar estruturado em eixos temáticos, apresentados como as formas culturais de manifestação do movimento humano com temas e sub-temas apropriados, como jogos, danças, ginásticas, lutas, artes cênicas (jogos simbólicos e de interpretação) e artes plásticas (jogos de construção de brinquedos e similares).

FIGURA V – Implementação do modelo desenvolvimentista com crianças menores. Gallahue, 2002



O modelo curricular desenvolvimentista coloca o aluno no centro do processo de ensino e de aprendizagem motora. Na fase fundamental, o ensino reconhece que as crianças estão na educação infantil e fundamental serão geralmente envolvidas no desenvolvimento e refinamento de suas habilidades motoras fundamentais nas três categorias de movimento. Essas categorias são os centros de organização do currículo e dos temas de habilidade (ou eixos temáticos) e formam a base dos

movimentos de habilidades esportivas e são desenvolvidos e refinados nos estágios de exploração, descoberta e de combinações do aprendizado, pelo emprego de estilos indiretos de ensino que fazem uso de jogos, ritmo e atividades auto-analíticas e pela aplicação de conceitos de esforço, espaço e de relacionamentos (Gallahue, 2002, p.586).

A formação humana e a capacitação devem estar intimamente relacionadas através de atividades motoras vivenciadas nas aulas de educação física, uma vez que os diferentes tipos de jogos e atividades das crianças obedecem a padrões culturais, portanto o meio cultural, também, é o responsável pelo desenvolvimento dessas capacidades. Para a existência de uma aprendizagem motora é necessário o apoio social: se o recém adquirido é respaldado e estimulado socialmente, ocorre a aprendizagem. Ressalta-se dessa forma a importância do meio ambiente social na aprendizagem do movimento. Em síntese:

Desenvolvimento Motor → desenvolvimento afetivo → desenvolvimento social → desenvolvimento cognitivo → outros desenvolvimentos

Neste contexto, o desenvolvimento das habilidades motor passa a ser entendido por nós como o processo educacional que permite a apropriação dos conteúdos que fazem parte da cultura corporal ou motora dos alunos, de maneira que eles tenham a possibilidade de vivenciar e

analisar a motricidade humana, visando a otimização motora e a integração social.

Dentre as áreas de conteúdo que podem ser trabalhadas dentro da educação física podemos enfatizar a ginástica, em especial a ginástica artística, por oferecer essa relação com o desenvolvimento do movimento e a formação humana.

2.3 A GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO UM DOS AGENTES DE INTEGRAÇÃO SOCIAL

A ginástica artística é um dos esportes que veio para adestrar o homem para propósitos de guerra, mas hoje se propõe a aprimorar as capacidades físicas, afetivas e culturais do homem sem desprezar os anseios de uma sociedade. Desenvolve a força, a coordenação muscular, a flexibilidade, a destreza, a agilidade mental, o ritmo e, sobretudo os aspectos morais e de formação humana.

O papel do técnico, assim como do educador, não é somente transferir conhecimentos, mas sim motivar e dirigir os alunos no sentido que adquiram seus próprios frutos desenvolvendo-lhes também a criatividade. Educar quer dizer saber desenvolver todas as potencialidades individuais, fazer com que cada um siga seus pendores, disciplinando suas vontades, moralizando suas condutas, sugerindo idéias e agindo sobre a formação de seu caráter que é, em suma, o que entendemos por educação

e porque não dizer um dos objetivos globais esperados e que podem ser explorados, entre tantos outros esportes, pela ginástica artística.

2.4 PROPOSTA PARA A INICIAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO MOTOR E DE INTERAÇÃO SOCIAL

A iniciação da ginástica artística, bem como o desenvolvimento técnico, se trabalhado adequadamente, segue diretrizes pedagógicas progressivas intimamente ligadas aos diversos períodos do desenvolvimento fisiológico e motor da criança.

O corpo humano evolui distintamente em suas características físicas e psíquicas nos diversos períodos da vida – características estas que o professor de educação física sempre deve levar em consideração. A classificação que consideramos mais acertada e com suas diretrizes pedagógicas é o seguinte:

Faixa etária	Fases	Diretrizes pedagógicas
6 a 9 anos	Fase elementar	Pequenos jogos de familiarização e intimidade com os diversos aparelhos e solo
10 a 13 anos	Fase básica	Progressão pedagógica e transferência de movimentos do solo para os aparelhos, aplicação de pequenas séries de dificuldade crescente
14 a 16 anos	Fase do desenvolvimento	Treinamento específico nos diferentes aparelhos e no solo objetivando a competição
17 anos em diante	Fase do aperfeiçoamento técnico	Treinamento específico e especializado

A fase elementar é apenas uma aplicação do método natural adaptado à ginástica olímpica sob a forma de pequenos jogos visando a obtenção da familiarização e intimidade como o esporte. A criança é levada de uma forma atraente e agradável ao aparelho ginástico perdendo o seu medo natural de utilizá-lo progressivamente. A fase básica é caracterizada pelas progressões pedagógicas e transferência de movimentos do solo para os aparelhos e aplicação de pequenas séries de dificuldade crescente.

Encontramos uma infinidade de exercícios que partem de concepções mecânicas semelhantes, por isso o processo pedagógico de transferência de movimento deve ser largamente aplicado nesta fase. E, finalmente, a fase do desenvolvimento e do aperfeiçoamento técnico, que é a fase do treinamento específico nos diversos aparelhos e solo objetivando a competição.

A partir da fase elementar, nosso principal foco, a criança de 5 a 10 anos encontra-se apta a vivenciar as diversas possibilidades motoras e tem o potencial para melhorar o funcionamento motor-perceptivo, como a percepção corporal, espacial, direcional e temporal (Gallahue, 2002, p.395).

A criança, pela sua própria natureza, brinca de pular, dançar, correr, engatinhar, arrastar-se etc. Através destas brincadeiras, que podem ocorrer no dia-dia na escola, em casa, na rua ou em outros lugares, a criança se desenvolve num universo motor onde cada novo gesto aumenta seu vocabulário, possibilitando a exploração e a integração com seu meio ambiente (Airoidi, 1995, p.35). Cada criança pode explorar o meio de diferentes maneiras e, numa mesma ação, diferentes respostas comportamentais podem ser observadas. A estrutura desta ação é, então, decorrente de suas próprias ações que revelam suas fontes na medida em que a ocasião se expressa. Leguet (1987) chega a afirmar que a criança é fruto de seu próprio feito.

A ginástica artística é um esporte olímpico. O qualificativo artístico desta ginástica se deve pela sua beleza estética. Sua principal característica é o seu meio: os aparelhos. A ginástica artística feminina trabalha nos aparelhos de salto sobre o cavalo, paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo, enquanto que a masculina trabalha no salto sobre o cavalo, cavalo com alças, paralelas assimétricas, barra fixa, solo e argolas. Todo esse universo da ginástica pode ser ainda ampliado se formos considerar os aparelhos alternativos que são utilizados para o seu aprendizado. Segundo Carrasco (1982) a pluralidade de aparelhos da ginástica possibilita um grande número e diferentes níveis de complexidade dos gestos gímnicos.

A base motora da ginástica é indiferente tanto para o campeão olímpico quanto para o iniciante do esporte. Nesta base estão os movimentos que dão origem aos outros.

Leguet (1987) propõe o que chama de “primeiros passos da atividade”. Estes passos são as ações básicas para que se construam, através de coordenações, os chamados elementos.

Estes “primeiros passos” são saltitar, aterrissar, equilibrar-se, girar sobre si mesmo, balancear em apoio, balancear em suspensão, passar pelo apoio invertido, passar pela suspensão invertida, deslocar-se bipedicamente, passagem tocando solo ou trave, abertura e fechamento do corpo e volteio. Através destas ações este autor acredita que se possa

construir qualquer elemento, mesmo aquele feito por um campeão mundial.

Leguet (1987) ainda conferiu a cada um dos aparelhos as ações básicas características:

- Solo: rolar, saltar, amortecer-se, passar pelo apoio invertido, manter o equilíbrio, deslocar-se em bipedia e passar próximo ao solo;
- Paralelas assimétricas: passar em suspensão invertida, balançar em apoio, girar longitudinalmente para frente e para trás, passar pelo apoio invertido, equilibrar-se e aterrissar;
- Barra fixa e paralelas assimétricas: balancear em suspensão e, em apoio, passar pela suspensão e em apoio invertido, rolar e aterrissar.
- Salto sobre o cavalo: apoio invertido, saltos e aterissagens.

Já Carrasco (1982) entende que a base dos elementos ginásticos nos diferentes aparelhos são as cambalhotas, propõe 10 famílias que comporiam a ginástica artística. Estas famílias são compostas pelos movimentos:

1. Cambalhota para frente;
2. Cambalhota para trás;
3. Combinações de cambalhotas;

4. Giros;
5. Impulsão de pernas e braços alternados;
6. Posicionamento do dorso;
7. Impulsão de pernas e braços simultâneos;
8. Abertura e antepulsão;
9. Fechamento e retropulsão;
10. Evolução de giros horizontais.

Diferentemente de Leguet (1987), Carrasco (1982) coloca que se deve abandonar a idéia de que a ginástica se constrói através de uma adição de gestos cada vez mais complexos. Em seu livro sobre programas pedagógicos, apesar de propor uma construção progressiva, diz que estes estágios são apenas um enriquecimento contínuo e uma diversificação dos gestos básicos.

A ginástica abre um amplo leque motor, que depois de aprendidos diversos gestos dá ao praticante a possibilidade de criar. E, o que antes parecia gestos desintegrados podem agora ser combinado sem uma sequência de elementos. Na reorganização destes gestos, ocorre uma “redescoberta” de novos gestos ou combinações.

Leguet (1987) afirma que a eficácia de um movimento será consequência dos aspectos:

- Cognitivo: compreender o que se faz, ter consciências do movimento, conhecer-se;
- Afetivo: equilíbrio nas diferentes situações emocionais, o controle destas emoções e o aceitar dos desequilíbrios;
- Motores: coordenação, execução e ajustamentos oportunos.

Deve-se lembrar que estes aspectos não são determinados separadamente, eles aparecem sempre combinados, um é dependente ou consequência do outro.

Leguet (1987) coloca ainda que a ginástica , embora seja um esporte essencialmente individual, quando se trata da execução ou apresentação de um elemento, ela é vivida sempre em grupo para praticá-la. Aponta momentos significativos para o desenvolvimento afetivo-social que ocorre durante as aulas, como o agir, o criar, o mostrar, o ajudar, o avaliar e o organizar.

O “agir” se traduz no momento da execução de um elemento. Mas antes mesmo de executar um elemento ginástico propriamente dito, a criança deve interagir com o ambiente, experimentando as diferentes dimensões por ele apresentadas: altura, distâncias, diferentes consistências dos materiais etc., trabalhando as três dimensões espaciais. Esta interação pode ocorrer individualmente ou em grupo.

O “criar” é o momento de descobrir o movimento, a atividade. O indivíduo cria ou recria, expressando sua personalidade. Há a possibilidade

de inventar, de imaginar movimentos ou sequências a partir de movimentos já adquiridos. Carrasco (1982) coloca que “criar, é, pois, antecipar operações a partir de estruturas móveis e da possibilidade de coordená-las infinitamente”. (Carrasco, 1982, p. 162)

O “mostrar” aparece com o objetivo interacional do indivíduo com os colegas ou até mesmo se expondo para uma platéia. Aprende-se ginástica com o objetivo também de ser vista e apreciada.

O “ajudar” é um processo muito importante na sociabilização de uma turma, que depende de uma confiança mútua e da cooperação entre os indivíduos. Através deste processo, um indivíduo poderá experimentar novas formas de movimento e os colegas estarão dispostos a contribuir para isto, prevenindo ou atenuando a queda de um parceiro, cujo movimento é espontâneo.

O “avaliar” se refere a uma etapa mais adiantada. Tem o objetivo de através da execução de um movimento ou série de movimentos verificar se estes elementos estão mais próximos de uma “perfeição” ou ainda o próprio progresso de cada um. Este momento pode ocorrer durante as próprias aulas ou em situações específicas como a de uma competição.

O “organizar” é muito abstrato, ele ocorre durante variadas partes da aula. As crianças precisam se organizar para transportar um colchão, através de uma fila que relacione as altura e distâncias do trampolim para entrada nos aparelhos etc.

Estas formas globais da atividade ginástica permitem à criança o desenvolvimento de diferentes sensações que agem simultaneamente. Estas sensações aparecem em todos os níveis e em todos os aparelhos. As sensações, de maneira geral, aparecem quase que confundidas umas com as outras quando referem-se as formas ginásticas, que são as cinestésicas, táteis, visuais e perceptivas labirínticas. Os aparelhos de ginástica irão causar ao aluno uma série de diferentes percepções, incorporadas através de conservações motoras globais, cujos componentes sensórios motores se tornarão cada vez mais complexos.

A criança, num primeiro contato com a ginástica terá uma atividade puramente global, que se enriquecerá com a continuidade progressiva do trabalho através do acúmulo de informações que geram percepções através dos estímulos sensoriais. Esta atividade estabelece relações entre o aluno e o meio, permitindo a construção de um espaço gímico.

Existem quatro pontos apontados por Carrasco (1982) que devem ser entendidos para que as percepções e os elementos ginásticos se processem. Quando se refere a organização interna do elemento, o autor fala a respeito das estruturas espaciais (desenvolvimento do gesto no espaço) e temporais (desenvolvimento do gesto no tempo) como estruturas reguladoras destes gestos. Ginastas experientes percebem o deslocamento e movimento de seu corpo no espaço, que estabelece uma relação com o mundo de estabilidade, enquanto que iniciantes, ao contrário, vêem a maior parte o mundo exterior em movimento.

Ao que se refere a situação inabitual coloca-se que o ginasta deve se submeter as formas e estruturas do aparelho, isto é, a evolução do ginasta deverá ser em apoio ou em suspensão. Neste contexto deve ser observada, também, a adaptação do organismo as “três dimensões” que diferentemente do nosso dia-dia, cujas referências se resumem em alto, baixo, esquerda etc., a ginástica trabalha com outros eixos, como por exemplo, o das rotações.

Um terceiro ponto são as leis internas do organismo (biológico, fisiológico, anatômico, sinestésico, psicológico) que são geradas, entre outros fatores, através das ações musculares. Estas leis são da mecânica, que fala da posição ideal do corpo e dos segmentos para uma utilização ideal das leis do movimento; da técnica, que se refere a posição e deslocamento de uma ação em relação a outra no desenvolvimento dos diferentes gestos; e a chamada rítmica, que considera a aceleração, o retardamento, os pontos de intensidade e a duração do gesto gímico.

O quarto ponto se refere ao realizador do gesto. Este indivíduo portador de uma história de vida possui suas próprias características, as variáveis no modo da ação e da percepção, deverá organizar o seu comportamento em função das suas aptidões e motivações, dando um toque único e original às suas realizações.

Ao mesmo tempo, quanto mais este indivíduo for oportunizado em realizar organizações de movimentos e de percepções diferentes, e assim ter um maior acervo de esquemas de ação a disposição, maior será a

possibilidade de coordená-los, facilitando a aprendizagem de elementos de maior complexidade (Maggill, 1984)

Borrmann (1980) coloca que a ginástica é uma especialidade fundamental, por ter em seu conjunto de exercícios características essenciais que contribuem para a “educação e para a formação completa do domínio físico e espiritual, e que não podem ser supridas por outras especialidades” (Borrmann, 1980, p.28). Considerando a escola um domínio de aplicação da ginástica, que irá se fundamentar principalmente em jogos, de formas descontraídas, habituando as crianças aos aparelhos e educando-as e contribuindo para o seu desenvolvimento global.

Na escola, este esporte estaria favorecendo as experiências perceptivas, e assim, desenvolvendo os aspectos informacionais que fazem parte do universo dos esquemas corporais. Para tanto, descobrir o mundo da ginástica, ou dos aparelhos, será a exploração de novas formas de movimento como o da suspensão, impulsão, inversões, apoios variados tanto em partes do corpo como nos aparelhos, passagens de um movimento a outro causando desequilíbrios e equilíbrios, além de outras possibilidades.

Ao se comparar a ginástica com outra disciplina esportiva, verifica-se que a posição em pé é “passageira” e na maior parte das vezes é o princípio ou a conclusão de um gesto, que podem ser inversões ou rotações do corpo. O que se quer dizer é que a maior parte do tempo no

qual a criança se encontra na prática da ginástica, ela está em posição diferente da posição em pé, que está acostumada diariamente.

Leguet (1987) coloca como poderes de ação a ginástica no meio escolar com a finalidade de desenvolver as seguintes capacidades:

- Utilizar os membros superiores e inferiores como alavanca de suporte;
- Extrair informações significativas para evoluir nas três dimensões do espaço;
- Iniciar, controlar desequilíbrios;
- Explorar a força do peso;
- Insistir numa ação motora ou antecipar uma outra;
- Cooperar (Leguet, 1987, p.48)

Pode-se levantar ainda uma última polêmica: os aparelhos que não são de fácil aquisição ou que são caros para as escolas. Há diversas maneiras de se improvisar, através de materiais alternativos como bancos, tubos, travessões, colchonetes etc.

Devemos desmistificar a ginástica artística como sendo um esporte de elite e de grande dificuldade, tanto para aprender como para ensinar no ambiente escolar. Através de um trabalho de exploração, de experimentação das habilidades motoras e de diversas formas de movimento proporcionadas por esta modalidade, podemos atrair os alunos de uma forma motivante e prazerosa nas aulas de educação física. Aulas

que devem ser baseadas também em propostas lúdicas, unindo o universo da criança com os objetivos educacionais.

Quanto ao aspecto social, as aulas de educação física é um importante agente de interação, uma vez que as atividades são diferentes das matérias “sala de aula” onde as crianças, na maioria das vezes, não possuem contato corporal com os seus colegas. Quando nos reportamos à ginástica artística, é preciso lembrar de Leguet (1987), que coloca como um dos aspectos desenvolvidos na ginástica as relações sociais, pois é através da ajuda mútua na realização de determinado elemento, na organização das próprias crianças (fila, colocação de materiais, alongamentos em duplas etc.), dos diferentes contatos e experiências que poderão compartilhar que vão se criando e estabelecendo ambientes propícios e saudáveis para o desenvolvimento das relações sociais.

A ginástica artística pode contribuir muito para a formação geral do indivíduo desde que não seja aplicada como um sistema de adestramento, mas que preserve sempre uma perspectiva lúdica em suas propostas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do desenvolvimento humano adquire muitas formas, uma das quais é o estudo do desenvolvimento motor. Por sua vez, o desenvolvimento motor pode ser estudado de diversas maneiras, neste trabalho, divididos em áreas cognitivas, afetivas e psicomotoras. Buscamos unir as três áreas de maneira que pudessemos trabalhar o indivíduo globalmente e de forma plena, através da ginástica artística. Explorá-la não somente biomecanicamente, mas também dentro dos aspectos afetivo, cognitivo e social; estimulando a criança a criar momentos significativos para o desenvolvimento afetivo-social que ocorre durante as aulas, como o agir, o criar, o mostrar, o ajudar. Quanto aos aspectos materiais, sempre polêmicos pela difícil aquisição, devemos nos lembrar que há diversas formas de adaptação, através de materiais alternativos como bancos, tubos, travessões etc. Devemos criar de diferentes maneiras as aulas, estimulando o imaginário da criança e as inúmeras possibilidades de aprendizado. Propomos, enfim, a ginástica artística como elemento de desenvolvimento motor e interação social no ambiente escolar. Muitos especialistas do desenvolvimento estão reconhecendo que as exigências físicas e mecânicas específicas de certas tarefas motoras operam com o indivíduo (fatores biológicos) e o ambiente (fatores de aprendizado ou experiência) e ambos não só são influenciados uns pelos outros (interação), mas também podem ser modificados uns pelos outros.

Trabalhamos a interação social, apenas um dos diversos tópicos importantes no desenvolvimento motor. As informações sobre o seu processo aqui analisadas não são definitivas, mas a tentativa honesta de serem as mais recentes, visto que as pesquisas e os estudos nessa área estão se expandindo rapidamente e, sendo assim, é difícil englobar todo o conteúdo publicado nesta área de desenvolvimento.

Mas, como o desenvolvimento motor, a vida é um eterno aprendizado. Conhecer e desvendar este universo de aprendizagem, interação e descoberta da criança é entender, em última instância a nós mesmos. São entender nossas fraquezas e angústias, nossos problemas atuais, nossos pais e filhos. É, enfim, entender um pouco mais o mundo e as pessoas que nos cercam.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIROLDI, G. A ginástica artística e o desenvolvimento motor. Monografia em Educação Física. UNICAMP: Campinas, 1995.

BORRMANN, G. Ginástica de aparelhos. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

CARRASCO, R. Ginástica de aparelhos: a atividade do principiante. Programas pedagógicas. São Paulo: Editora Manole, 1982. a

CARRASCO, R. Tentativa de sistematização da aprendizagem. Ginástica Olímpica. São Paulo: Editora Manole, 1982. b

CARRASCO, R. Ginástica Olímpica: pedagogia dos aparelhos. São Paulo: Editora Manole, 1982. c

FREIRE, J.B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

GALLAHUE, D.L. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

GESELL, A. A criança dos 5 aos 10 anos. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GUISELINI, M.A. A Educação Física na pré-escola. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1983.

GUISELINI, M.A. Macroginástica para pais e filhos. São Paulo: CLR Baleiro, 1985.

LEGUET, J. As ações motoras em ginástica esportiva. São Paulo: Editora Manole, 1987.

MAGILL, R.A. Aprendizagem Motora: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard Blucher, 1984.

MATURANA, H. Formación humana y capacitación. Chile: Dolmen Ediciones, 1995.

PEREZ GALLARDO, J.S. *(coord.)* Educação Física: contribuições à formação profissional. 3.ed. Unijuí: Ed.Unijuí, 2000.

PICCOLO, V. L. Nista Um programa de educação física adequado ao desenvolvimento da criança. In Piccolo, Vilma L.N. (org.) Educação Física Escolar: Ser ou não ter? Unicamp, São Paulo, Campinas, 1993.

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 3.ed. São Paulo: Ed.Cortez, 1992.

SERGIO, M. Para uma epistemologia da motricidade humana. Lisboa: Ed. Compendium, 1998.

TANI, G. *et al.* Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 1988.